



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

ENTRE OS "PEQUENINOS" E AS ESTRUTURAS EDUCACIONAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

Marciana Ferreira Bento

Universidade Federal de Campina Grande
marciana.ferr@gmail.com

Resumo

Neste trabalho tivemos o propósito de observar os contextos sociais, culturais, simbólicos que envolvem as relações sociais e os processos educativos no universo escolar e, paralelo a este elemento, analisar concordâncias e dissidências no que se refere às propostas e as práticas educativas adotadas pela Escola Municipal Maria Zeca de Souza, localizada na cidade de Massaranduba, no Agreste Paraibano. Deste modo, um dos objetivos centrais para análise dos “dados” colhidos, foi o de tentar perceber os não ditos e, também, algumas contradições em termos de proposta e prática educativa, não só da escola, mas da estrutura maior que a abarca: os contextos sociais e de classe que envolvem seus interlocutores, como também, as relações de poder envoltas no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Projeto pedagógico, Educação, Etnografia.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



Introdução

A escolha do nosso lócus de pesquisa se deu por questões materiais específicas. Primeiro, é uma cidade próxima na qual resido atualmente, o que diminui os gastos com transportes, entre outras questões. Segundo, por questões de "intimidade", pois, durante o ano de 20113, trabalhei na instituição como ajudante de sala. Assim, tal fator me proporcionou certa facilidade para acessar novamente o ambiente, ou seja, para adentrar no campo. Foi assim que a escola Manoel Machado, em Massaranduba, uma cidadezinha localizada no agreste paraibano, se fez como nossa escolha para nossa "empreitada" etnográfica.

Nesse processo de observação e análise dos espaços, consideramos as contribuições de alguns autores que pensaram, não só sobre as questões educacionais, a exemplo de Pierre Bourdieu, mas também aqueles que nos orientam para a observação dos detalhes existentes nas trocas de relações humanas, como é o caso do Antropólogo Marcel Mauss, Roberto DaMatta, Geraldo Berreman, entre outros. Foi assim que, através das reflexões de Mauss (1974) sobre a existência da Dádiva, ou seja, sobre como ele apresenta que a partir das trocas, sejam elas de favores e/ou objetos, se estabelecem redes de solidariedade que, em diversas instâncias, criam laços entre os/as envolvidos/as. Foi a partir dessa concepção de Dádiva que pudemos perceber a existência de um sistema de trocas de favores entre as Mães das crianças que estudam na escola.

Vale ressaltar ainda que, além de trabalhado na escola, sou natural de Massaranduba. Assim, minha pesquisa se realiza em um ambiente familiar e com pessoas que, em algum grau, possuem percepções sobre mim. Assim, para não produzir o que Bourdieu (1999) chamou de uma "sociologia espontânea", ou seja, para não tomar as realidades observadas a partir de um olhar a priori, considere, na medida do possível, é claro, o exercício do afastamento e do estranhamento do contexto observado.

Deste modo, tenho o recorte de voltar ao campo como pesquisadora e como filha de uma das professoras que acumula mais tempo de trabalho naquela instituição, o que me coloca de forma distinta no campo, pois, como as pessoas com quem iria dialogar possuem suas formulações sobre mim – inclusive boa parte me conhece desde minha infância - suas posturas e colocações no momento das minhas observações poderiam sofrer distorções de acordo com o modo como me colocava no campo, ou seja, precisei ter o cuidado de não parecer "pesquisadora" demais, pois, como Gerald Berreman



nos orienta em sua experiência relata no texto “Etnografia e *controle de impressões* em uma *aldeia do Himalaia*”, que é preciso ter tato e cuidado no agir no campo, não só para evitar que ele se feche para nós, mas para possibilitar, na medida em que nossos/as interlocutores/as se sentem mais a vontade, um melhor encaminhamento da etnografia.

Como vimos, já “vou” com certa bagagem, por ter construído, num período anterior a pesquisa, relações com boa parte dos funcionários que se encontram atualmente na escola. Tendo isso exposto, e o “perigo” era o de pessoalizar minhas análises, assim, como estratégia para me afasta desse risco, decidi partir da análise do Projeto Pedagógico escolar. Assim, construí o recorte desse ambiente “familiar”, para depois procurar perceber as relações sociais “em si”.

Bourdieu se torna uma aporte teórico central na medida em que boa parte de sua produção pensa a questão educativa e como, defende ele, através da educação, vista como meio de socialização, podemos perceber a reprodução, tanto das estratificações sociais, como das desigualdades causadas e reforçadas pelo processo educativo que, se bem problematizado, nos revela uma das facetas de uma educação envolta pelo ideais do sistema capitalista, tais como: produção, burocracia, competitividade, entre outros. Tais elementos, se bem observados, expressam a crença e a reprodução de uma educação que se sustenta na concepção de meritocracia burguesa.

Metodologia

Esta etnografia se preocupa menos com a descoberta de continuidades ou regularidades de aspectos educativos do que com os processos e estruturas que guiam tais procedimentos. Assim, para alcançarmos tais objetivos, utilizamos da etnografia, com ida à campo durante três dias, e da análise do projeto político pedagógico para que, a partir da análise dos contextos apresentados, refletir sobre a proposta pedagógica escola e as realidades observadas.

Aspectos estruturais, pedagógicos e organizacionais

O planejamento pedagógico da escola é realizado bimestralmente com a participação da coordenadora pedagógica da educação infantil, diretora e professores/as da unidade de ensino. A abordagem de ensino adotada tem como referencial a visão sócio-interacionista que, a grosso modo, considera a criança como sujeito de seu processo de aprendizagem. Assim,



em tese, há valorização dos saberes dos sujeitos, há consideração de seus recortes de classe e locais, regionais e etc. Assim, na proposta pedagógica escolar, a criança é tomada como sujeito atuante de seu aprendizado, ou melhor, o contexto em que ela tá inserida é levado em consideração e, partindo desse pressuposto, tais saberes são correlacionados com contextos históricos pelo/a educador/a .

Em termos de estrutura, a escola conta com quatro salas de aula que abarcam, cada uma, uma média de 25 a 40 alunos/as. Todas as salas possuem quadro branco. As cadeiras são padronizada e cada uma tem uma mesa, ambas com tamanho proporcional a crianças de 4 à 7 anos de idade. Cada professora, conta com um birol que contém duas gavetas; uma com chave utilizada para guardar documentos importantes da escola como , por exemplo, os diários de classe, que só recentemente passaram a ficar na escola, por determinação da diretoria. Tais gavetas também são utilizadas para guardar objetos pessoais das professoras, tais como: celulares, dinheiro, entre outros.

A sala de diretoria conta com um laboratório de informática que, segundo relatos dos funcionários, já sofreu dois arrombamentos. Além das salas, o espaço da sala de aula conta com dois pátios - um externo e outro interno. No primeiro, dar-se preferência para a recriação de crianças de 3 a 5 anos de idade. No segundo, o público é caracterizado pelos mais “velhos”. O argumento para a separação das crianças está no fato delas se machucarem mutuamente e, por isso, separar em termos de tamanho e idade, favorece o controle dos corpos e conflitos.

A lógica de organização das cadeiras, como também, os horários de entrada e saída - as filas e os modos de se portar requisitados para as crianças entrarem e sair de quaisquer espaços, lembram o que Foucault (1987) vai chamar de docilização dos corpos.

Todos os dias em que fui a escola, um total de três, vi que nunca faltava a merenda escolar. Tinha comida para todos/as - inclusive para funcionários/as - O controle da dispensa ficava por conta da cozinheira chefe que anotava tudo o que era utilizado para a alimentação dos alunos e, por tabela, dos professores, em um caderno de registro que continha informações específica, tais como data e a quantidade de cada produto utilizado e cardápio servido nos respectivos dias.

As duas salas que ficam logo próximo à entrada da escola, embora contem com ventiladores, ficam abafadas na maior parte do tempo. O que piora com o fato das portas precisarem estar sempre fechadas para evitar as saídas



“fugidas” das crianças. As crianças reclamam do calor e as professoras utilizam essa deixa para argumentarem que, se elas permanecessem mais tempo sentadas e prestando atenção nos conteúdos, esta sensação de calor diminuiria.

Ao lado direito da escola se encontra o Hospital Municipal da cidade e, ao lado esquerdo, o Posto de Saúde local. Enquanto estive lá, presenciei uma das crianças sendo levada para atendimento no posto de saúde, pois, estava apresentando febre e dor de barriga. A criança foi levada pela professora. A sala de aula ficou por conta da diretora. Havia, entre os pequeninos/as, certo pavor e extrem em relação e a postura/pessoa da diretora - tanto que, quando alguém saía muito da regra, a professora logo ameaça mandar o “subversivo/a” para a diretoria. Em geral, era através de ameaças e recompensas que a ordem era minimamente mantida.

Rotina Escolar

A rotina escolar que pude acompanhar se limita ao horário da manhã que vai das 08:00 às 11:30. Porém a partir das 07:00hrs já encontramos funcionários no ambiente; na sua maioria são as responsáveis pelos serviços gerais. Assim, as mulheres organizam desde a sala da diretoria até os banheiros para a chegada e início das aulas. A rotina se baseia em varrer e passar panos em todos os ambientes, como também, limpar mesas e cadeiras. As professoras chegam por voltas das 07:45. Chegar um pouco mais cedo facilita na hora de manter as crianças em controle - visto que observei que a ausência das professoras na hora de organizar a fila de entrada nas salas de aula, provocava certo desfalque na vigia dos pequenos e estes se viam livres para correr por toda a escola, como também, para brincarem e brigarem.

O não controle na entrada da sala de aula compromete, no mínimo, duas horas de aula, na medida em que, quando não entram em filas e sentam ordenadamente cada uma em suas respectivas cadeiras, as crianças tendem a entrar correndo, derrubando e jogando mochilas, cadernos e lanches para tudo que é lado. Um auê só!

Assim, chegar um pouco mais cedo era garantia de manter o mínimo controle dos pequenos/as, deixá-los sem vigia provocava certo “caos” que incomodava todo o ambiente. Era responsabilidade da professoras manter essa questão em dia. Havia, por assim dizer, certa coerção para que cada professora cumprisse seu papel de manter seu alunos/as sob controle. Caso isso não acontecesse, elas eram repreendidas, as vezes de forma bastante sutil, tanto pela diretora como pela comunidade escolar inteira.



O controle da sala de aula - entendido aqui como o controle dos ruídos, da “bagunça” e da organização do ambiente, era de fundamental importância no ambiente escolar visto que, por conta do ambiente restrito e de salas de aula pequena, o menor início de “tumulto” era uma brecha perfeita para que todas as crianças organizassem uma mini revolução escola e partissem para a brincadeira sem limites. Assim, perder o controle da sala de aula proporciona tanto um mal-estar coletivo quanto individual, visto a prática das repressões, por meios de olhares tortos ou disfarçados e de piadas proferidas pelas outras colegas professoras.

Os modos de conseguir tais controles das crianças eram variados; algumas faziam a partir de exibição de vídeos, outras por brincadeiras educativas e algumas, não raras, controlavam através da elevação do tom da voz (gritando mesmo). Às vezes, para não comprometer toda a turma, nem a imagem da autoridade das professoras, perante as crianças e a comunidade escolar, as crianças mais “danadas” eram mandadas para a diretoria. Não passavam muito tempo lá, por volta de 5 minutos - o tempo necessário para acalmar a maioria, ela retornava à sala: mais calma e “consciente” de seu poder caótico.

Havia, entre esse pequeno cotidiano escolar, momentos de maior ou menor crise desse “controle”. Um dos momentos que considerei mais críticos, em termos de dificuldade de manter certa ordem, era a hora do lanche! Neste momento, não tinha grito, brincadeira, ou vídeo que acalmasse ou minimamente organizasse as crianças em fila. Elas até que saíam da sala em fila, mas assim que acessam o pátio, correm “desordenadamente” em direção a cantina - nesse meio tempo, “se batiam”, riam, apostaram corrida, tiravam onda com todas as autoridades escolares possíveis, entre outras coisas.

Como não há refeitório, as crianças lancham dentro da própria sala de aula. Deste modo, as mulheres responsáveis pelos serviços de limpeza, o fazem novamente, visto que, durante as refeições, as crianças sujaram a sala novamente. Eu resolvi ficar para observar como se dava o ambiente de refeições. Em geral, quem traz comida de casa já vai logo abrindo sua lancheira, me mostrando e oferecendo-me o que suas mães prepararam para o lanche. Uma vez resolvi aceitar um biscoito e foi uma confusão só porque a menina que me ofereceu começou a gritar para o restante, com sorriso de um lado ao outro, que eu tinha comido do seu biscoito. Pronto! aí juntou a turma inteira me oferecendo pastel, balas, bolo, as mais variadas e tipos de comida.



Para conseguir acalmar a metade desse pequeno avalanche, tive que provar um pedacinho do lanche de cada um/a. O que me chamou atenção nesse momento nem foi tanta a importância dada a minha degustação - visto que, para eles/as eu era uma “tia” como qualquer outra, porém, eu era uma “nova” tia e com isso ganhava um prestígio especial - mas foi perceber o olhar triste e desconfiado das crianças que não tinham lanche para me oferecer. Isso sim me chamou atenção, pois, indica uma relação distintiva, descrita por Bourdieu, que dentre tantos efeitos, afeta a autoestima dessas crianças que se viam incapazes de participar dessas “oferendas”.

Sistema de troca de favores

As crianças do turno da manhã chegam à escola por volta das 07:30. Percebi que as mães menos favorecidas economicamente deixam seus filhos no portão da escola bem mais cedo, por volta das 06:00 - 06:30, e contam com a ajuda de outras mães no processo de cuidar tais crianças até que elas possam adentrar no prédio. Esse sistema de troca de favores gera redes de “solidariedade”, semelhante ao que Marcel Mauss (1925) observou entre os *trobriandeses*, tal sistema de cuidados geram Dádivas. Essa ação se torna um sistema de troca, pois, tais cuidados são visto, entre as mães, como favores trocados, e são negociados a partir de demandas específicas do dia de cada mãe em questão.

Houve um dia, por exemplo, em que uma das mães que costumava deixar seu filho aos cuidados de uma outra, teve que se atrasar para o trabalho, como empregada doméstica, porque a outra estava acompanhando um filho no hospital. Nesse processo, percebi que mesmo sabendo que iria ser repreendida na casa dos seus empregadores, a mulher não contra-argumentou e logo ficou tomando de conta das crianças - as suas e de outras colegas.

Na medida em que coloca mães de condições de classe muito semelhantes, a própria escola vê e trata tais crianças de modo distintivo (como num processo de distinção tratado por Bourdieu) lhes oferecendo diversas exceções, tanto de comportamento como de estrutura. Tal fator, o da diferenciação de tratamentos dessas crianças, será melhor detalhado na parte em que irei tratar mais a frente. Em geral, vejo essa questão como um dos modos que encontraram para agenciar as dificuldades econômicas com a necessidade de manter as crianças na escola.

Considerações sobre especificidades de cada criança e a relação com a comunidade escolar como um todo.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



A escola Manoel Machado, em geral, lida com crianças de famílias pobres e/ou extremamente pobres - o que entendo como extremamente pobre são crianças que relatam não terem o que comer e, assim, umas das refeições mais significativas destas se dá na escola. As professoras relatam que, quando raramente acontece de não ter merenda escolar, elas dão um jeito de conseguir comida para algumas dessas crianças, visto que, segundo suas experiências, criança com fome, além de ficar irritada, não consegue se concentrar na aula e acabam levando a turma inteira para dispersão. Neste processo de encontrar comida, elas ou repartem o lanche das crianças que o trazem de casa ou fazem uma “cotinha” para comprar a comida que, em geral, gira em torno de biscoitos, pastéis e bolos.

Estas mesmas crianças são as que são tratadas de maneira distinta entre os funcionários. Como a maioria que ali trabalha se conhecem, direta ou indiretamente, boa parte são parentes de 1º, 2º ou 3º grau ou mesmo, quando não são parentes, conhecem, minimamente, trechos das trajetórias de vida de cada colega de trabalho, dos familiares das crianças, entre outras redes de reconhecimento que podem ser chamadas ao debate. Assim, todo mundo acaba “conhecendo” todo mundo e, em geral, sabe-se quem é filho de quem e quem tem mais ou menos “condições de vida”.

Esses processos distintivos acontecem quando, dentro do ambiente da sala de aula, e entre as interações das crianças. Percebe-se a formação de grupos entre crianças de condições econômicas semelhantes ou ao menos que a aparenta ser semelhantes. Foi assim que vi que “Quem tem sapato novo só brinca com quem tem sapato novo” - uma das minhas anotações do diário de campo - que, a meu ver, estabelece, via o que Bourdieu (2008) chama de a *hexis corporal* de cada um/a, a leitura, tanto individual quanto coletiva, de quem pertence ou não a determinados grupos. Deste modo, a partir das vestimentas das crianças e das performances de atuação dentro o ambiente escolar, dar-se um processo de constituição de relações que tem como base, em certa medida, esses quesitos de identificação.

Para pensarmos as especificidades de cada aluno, vale ressaltar que, como observei na leitura dos cadernos de registro de frequência escolar, as crianças que têm desempenho médio ou ruim são, respectivamente, as mais pobres, fator esse que me fez pensar como esse processo educativo pode estar excluindo tais crianças, tanto do espaço escolar como em termos estruturais da própria sociedade - questão essa que é centralmente tratada por Bourdieu em “A reprodução” - pois, não é à toa que são essas mesmas



crianças possuem os desempenhos mais baixos que também são as crianças “problemas” das escolas.

Elas são essas “Crianças Problema” no sentido de que são tratadas como tal, ou seja, as dificuldades e os limites estruturais que enfrentam não são levadas em consideração como efeito de questões estruturais, mas são colocadas como questões de caráter individual - na medida em que são consideradas, pelos discursos da maioria das professoras e funcionários/as, como crianças “ruins” ou “sem jeito” atribuindo seus comportamento a questões morais, e não de como sendo fruto de recortes sociais e econômicos específicos..

É neste sentido que podemos perceber o ambiente escolar como ambiente de reprodução de desigualdades sociais, pois, não há, como a proposta pedagógica indica haver, a consideração das especificidades de fato de cada criança. Há, sim, uma espécie de solidariedade e caridade em relação ao trato com elas. Mas, uma educação que, realmente, as inclua no ambiente escolar e na sociedade, não é perceptível e nem largamente considerada no processo de ensino-aprendizagem.

As crianças são diferenciadas nos locais em que habitam, nas roupas que usam, e pelos horários de chegada e saída do cotidiano escolar - são as crianças mais necessitadas que, em geral, são buscadas por volta das 11:50 ou até são levadas para as casas das professoras porque as mães ainda não foram liberadas de seus ambientes de trabalho, as mesmas mães que chegam cedo no portão da escola. São recortes situacionais que, se pensarmos em termos estruturais, irão seguir toda a formação destas crianças. O processo de estratificação não se limita ao ensino fundamental, médio ou superior, mas tem raízes bastante iniciais: na própria estrutura familiar e, por consequência, na estrutura escolar e no processo educacional.

Um outro momento interessante que pode ser realçado é que existe uma contradição entre o discurso que encontrei no projeto pedagógico da escola e a prática dos funcionários em relação ao processo educativo dos alunos. No discurso, o aluno é tomado com sujeito de seu próprio conhecimento, na prática, ele é colocado para reproduzir tabelas e letras pré-estabelecidas e que, na sua maioria, dizem respeito ou fazem referência a crianças de contextos históricos e sociais quase que totalmente alheios. Também há contradições em termos de respeito a religiosidades já que, tanto no tempo em que fui ao campo quanto no que percebo na estrutura da escola, notei apenas a prática do cristianismo.



As ações que indicam alguma prática de aceitabilidade de diversidade de fato não aparecem. As práticas que indicam essa aceitabilidade da diversidade se limita a comemorações em dias de feriado nacional como, por exemplo, “dia do índio”, “ dia de comemoração abolição de escravidão”, entre outros.

Na sua proposta pedagógica a escola Manoel Machado propõe, em geral, um discurso que pretende considerar e integrar de forma justa os/as alunos/as das mais diversas condições sociais e econômicas, levando em consideração seus contextos culturais específicos no conteúdo debatido em sala de aula. Embora se encontre relativa atividade em que de fato tais aspectos educacionais se efetivam, isso não é uma regra. A condição estruturais, políticas e econômicas nas quais a escola encontra-se inserida não tem como garantir tal efetivação.

Considerações Finais

Em linhas gerais, a pesquisa de campo me proporcionou perceber as miudezas existentes dentro do ambiente educacional e como, para além das relações interindividuais, as percepções entre indivíduos e grupos, ou seja, as relações sociais estão envoltas por questões estruturais. Desigualdades de classes são evidenciadas e afirmadas desde cedo, seja por olhares, afirmações, modos de lidar, modos de vestir, de se posicionar perante as circunstâncias que abarcam o ambiente escolar, mas que está para além dele. A escola, como podemos ver, não limita a ser um campo de transmissão e recepção de conhecimentos, mas opera como mais um campo social onde correlação de forças são testadas, onde há relação de poder, onde crianças e funcionários dialogam de diversas formas e com distintos objetivos.

Os modos de utilização dos espaços convergem com determinadas finalidades, como foi demonstrado acima, podemos dizer que uso do ambiente do pátio se dá com a finalidade de, levando-se em consideração o espaço limitado e a quantidade de funcionários, manter o mínimo controle do espaço de trabalho. A escola, como a sociedade, se apresenta plural, seus alunos/as também, mas os ambientes, a estrutura física e social de lhe dar com tais especificidades, apresenta-se homogeneizada. Os conteúdos são programáticos e, independente das especificidades das professoras e dos/as aluno/as, devem ser aplicado e concluído em determinado espaço de tempo, sob pena de retaliação direta, com medida avaliativas da escola, ou indireta, por pressão social da própria comunidade escolar e, também, de pais e mães.



Todas as funções exercem poder dentro do ambiente escolar, as posições se hierarquizam de acordo com o cargo ocupado - posições essas reconhecidas pelas próprias crianças, por exemplo, na medida em que sentem medo da sala e da pessoa da diretora escolar. A diretora, enquanto representação máxima dessa autoridade, age como tal: se posta de maneira distinta, suas roupas distintas, o seu cabelo é arrumado como para que passar um ar de seriedade, o modo como fala, sua performance ao entrar na sala de aula - olhar suspenso, conversa impessoal com as crianças, sem falar que, geralmente, só aparece na sala para resolver ou questões operacionais ou quando algo sai realmente de controle - revela a sua finalidade de manter essa autoridade exclusiva e esse medo frente sua imagem.

Na questão da solidariedade entre as mães, vale ressaltar o aexistência do recorte de gênero. As mulheres são a grande maioria do público que leva a traz as crianças para a escola. E, segundo as professoras, nas reuniões semestrais de pais e mães, se contam nos dedos da mão a quantidade de homens que aparecem. Outro fator que vale levar em consideração, é que a maioria são mulheres negras que criam seus filhos/as sozinhas.

Referências Bibliográficas

BOURDIEAU, P.CHAMBOREDON, jean-Claude. PASSERON, jean-Claude. **A profissão do sociólogo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____, Pierre, **A Distinção. Crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp: Porto Alegre: Zouk, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. v. II. São Paulo : Edusp, 1974.